

## **ENTRE RUPTURAS E PERMANÊNCIAS: PENSAR A EDUCAÇÃO ENTRE O DISCURSO DA REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NO PERÍODO COLONIAL.**

Thaina de Fatima Alves da Siva, UEVA, [thainasilvalf@hotmail.com](mailto:thainasilvalf@hotmail.com); Maruza Araujo Monteiro, UEVA, [maruza\\_araujo22@hotmail.com](mailto:maruza_araujo22@hotmail.com)

Eixo temático. 7. Experiências educacionais para implementação dos Sete Saberes para uma educação do futuro.

**Resumo:** Este artigo consiste na apresentação do projeto “*Mulher: uma discussão de gênero*”, a ser executado na E.E.F.M. Prof.<sup>a</sup> Carmosina Ferreira Gomes, na cidade de Sobral-CE, com o objetivo de discutir os papéis sociais destinado as mulheres, através de atividades pedagógicas que serão desenvolvidas durante o mês de abril, do ano de 2016. Inspirado nas ideias de Edgar Morin, o propósito é instigar os educandos a refletirem sobre o fato de que o conhecimento não está alheio à formação humana e que a História se constrói por meio de permanências e rupturas.

**Palavras-chaves:** História- Educação- Gênero- Sociedade.

### **Introdução**

As reflexões abordadas trazem á baila os fios que tecem a Educação, considerando a complexidade em coloca-la em discussão, já que, discorrer sobre ela é um desafio para docentes e gestores do século XXI, como para a sociedade, que se encontra em crises tanto na política, como na economia. Levando essas questões em consideração, compreendendo que nos construímos ao longo da História, que permanências e rupturas de um dado período coexistem, elaboramos o projeto “*Mulher: uma discussão de gênero*”, a ser executado durante o mês de abril, no ano de 2016, pelo período de quatro horas, com os alunos no 3º ano, no turno vespertino na E.E.F.M Prof.<sup>a</sup> Carmosina Ferreira Gomes, na cidade de Sobral.

O projeto parte de uma parceria do Programa de Educação Tutorial (PET), com o Programa Institucional à Docência (PIBID), do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, onde a escolha da instituição se deu, por ser lócus de atuação de um dos grupos de Iniciação à Docência, situado no bairro Sumaré, na cidade de Sobral, marcado pelo estigma da violência, como pela vulnerabilidade econômica, fruto do descaso por falta de políticas públicas.

Diante da necessidade de colocar em discussão as imagens, os estereótipos e preconceitos que norteiam a figura feminina, buscamos propiciar aos educandos um espaço de diálogo, pois a História não se distancia da vida, pois a forma de vestir, de falar, de comer, de amar etc. se dá dentro de um contexto, onde, parafraseando Drummond, de tudo fica um pouco. Nosso objetivo é analisar e refletir os discursos que permeiam as mulheres, tendo como recorte o Período Colonial, em contrapartida, chamar atenção para as permanências na sociedade contemporânea.

Por outro lado, destacamos a relevância de mostrar a construção histórico-político-social dentro da conjuntura na qual as mulheres estavam inseridas, percebendo como os discursos iam se reproduzindo naquele contexto, sendo estas, motivo de escárnio na sociedade patriarcal do século XVIII. Sabemos quão importante é o discurso dentro de um grupo, de uma classe, de uma sociedade, pois é através dele que uma comunidade se organiza hierarquicamente, é por meio dele que, as ideologias formam a sociedade, como também, mantêm a posição do *status quo*, onde poucos são privilegiados e outros não.

Com a temática, o recorte delimitado, pretendemos aproximar, por meio desse projeto, a disciplina de História para os educandos, já que, distinto de uma História Tradicional, feita por grandes heróis, ela tem como matéria-prima, o ser humano, é feita por pessoas, por cidadãos comuns.

### **Discutir sobre a mulher é discutir sobre gênero**

Antes de adentrarmos às representações em torno da mulher, na Colônia Portuguesa, é necessário considerar conceitos sobre gênero, já que, ao nos construirmos ao longo do tempo, papéis sociais foram assumidos e legitimados, sendo o gênero uma construção cultural.

Simone de Beauvoir e Joan Scott são referências, para a construção do pensamento feminista no século XX, por isso, lançamos essa discussão norteadas pela compreensão de que o gênero é uma construção social. Como afirma Beauvoir:

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. (1967, p.09)

Percebe-se como explicita a autora que não são os aparelhos biológicos que define os indivíduos, mas sim a construção sociocultural de cada sociedade, pois os padrões são estabelecidos desde o nascimento da menina e do menino, “menino não pode chorar”, “menina tem que brincar de bonecas”. Desse modo, somos levados a acreditar que temos que seguir os padrões diante do determinismo biológico imposto, caso façamos escolhas contrárias somos estigmatizados pelas nossas próprias opções no cotidiano.

Por outro lado, gênero não pode ser compreendido como sinônimo de mulher, pois como afirma Scott “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e uma primeira forma de dar significado as relações de poder”. (1995, p. 72).

Não são as diferenças biológicas que definem os papéis assumidos por homem ou mulheres, mas uma construção histórica, onde cada sociedade estabelece sua relação de poder, pois o ser humano é ao “mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural” (Morim, 2003 p. 40).

### **A construção do papel da mulher no Período Colonial**

Essa discussão é pertinente, na medida em que, pretendemos uma educação que leve os educandos a se tornarem sujeitos críticos, capazes de enxergar que a humanidade se construiu ao longo do tempo. Em contrapartida, a História não é alheia e desconexa com o momento que vivemos, por isso é imprescindível que o ensino de História, dialogue com as questões que nos permeiam, como afirma Pinski, “o passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente (caso contrário, estudá-lo fica sem sentido)” (2007, p.23).

Tendo isso em vista, optamos problematizar os discursos em torno da mulher a partir de questões atuais como, a violência seja ela física, psicológica ou simbólica, o preconceito, o machismo que paira na sociedade, vinculando como classe social, raça/etnia, marca essa que persiste nos atuais moldes da sociedade, a prostituição vendida pela mídia como uma forma de ganhar dinheiro fácil, o modelo familiar pai-mãe-filhos, além dos padrões de beleza impostos, tendo como, referência à mulher branca, magra, alta e de cabelo liso, a ser seguido.

Ao nos voltarmos para o Período Colonial, percebemos a raiz dessa configuração, pois dentro do pretendido modelo da mulher de mãe a zelar pela família, se assemelhando a imaculada Virgem Maria, a ser implantado no Trópico do Sul, coexistiam outros, a mulher devassa para fofocações, máxima expresso no velho ditado mencionado por Vainfas (199, p.240) “branca para casar, mulata para foder, negra para trabalhar”.

Fruto de uma sociedade marcada pela dominação masculina, a mulher é vista como propriedade do seu senhor, seja ela de cor ou não. Enquanto a mulher portuguesa, órfã ou uma mulher a ser punida por uma traição, era trazida para a Colônia para constituir famílias, a escrava africana, além de trabalhar para seu dono, também era usada para deleites sexuais tanto do seu proprietário como para outros, já que, não raro estas eram prostituídas para aumentar seus lucros.

Degradadas e desejadas ao mesmo tempo, as negras seriam o mesmo que prostitutas, no imaginário de nossos colonos: mulheres “aptas à fornicação”, em troca de algum pagamento. Na falta de mulheres brancas, fossem para casar ou fornicar, caberia mesmo às mulheres de cor o papel de meretrizes de ofício ou amantes solteiras, em toda a história da colonização.(PRIORE, 2011, p.33)

Priore deixa evidente que as negras eram vistas com inferioridade, por causa de sua cor, pois estas se confundiam com prostitutas, termo que tinha desígnio inferior ao usado na Metrópole, pois este era usado como designação à mulher branca solteira.

Falar sobre a mulher dentro da Colônia Portuguesa é considerar que de acordo com a classe social, com raça/etnia, esta era percebida de forma distinta, pois enquanto a mulher branca era honrada e devota, à mulher negra é vista como ser menor, apta para

fornicações. Por outro lado, deixamos claro que seja branca ou negra, à mulher era reservada ao papel menor, de obediência.

Como já abordado, essa discussão não se dissocia do gênero, das complexas relações que constroem o ser humano, pois não somos apenas seres biológicos, também somos seres culturais, ou seja, nos tornamos humanos, nos tornamos mulher e o papel culturalmente construído no Brasil Colônia, estava vinculado a submissão, a passividade, onde a mulher branca era o modelo a ser seguido, enquanto o domínio das cativas transbordava para a esfera sexual, sendo, a violência não marca apenas as cativas, mas as ditas mulheres brancas, sejam elas órfãs que vinham de Portugal para servir aos colonos e constituir família, sejam as que vinham para ser penalizadas.

Tratar dessas questões com os estudantes é relevante para que percebam que a História é feita por sujeitos, por pessoas comuns, que as relações de gênero foram forjadas, que a violência contra a mulher é uma das permanências desse período, não encontrando bases para sua justificação.

### **Execução do Projeto**

Optou-se por executar o projeto: *Mulher: Uma discussão de gênero*, no período de quatro horas, com alunos do 3º ano do Ensino Médio, na E.E.F.M. Prof.<sup>a</sup> Carmosina Ferreira Gomes, durante o turno vespertino. Cabe destacar que a escolha do público para a concretização desse projeto se deu, grosso modo, por estes se encontrarem numa fase de maior de maturidade intelectual, como também pelos discursos assumidos por eles, em conversas e atitudes em projetos anteriormente desenvolvidos na escola, sendo nítido que as diferenças de gêneros e a imagem construída em torno da mulher correspondem a uma visão em que esta assume papel secundário.

O projeto será executado, em dois eixos: o primeiro será discutido o conceito de gênero, o que é ser homem, o que é ser mulher, já o segundo se volta para os discursos em torno do Período Colonial.

O primeiro momento se dará por meio de uma dinâmica, onde quatro alunos, duas meninas e dois meninos, serão chamados para preencher duas colunas, sendo, os meninos responsáveis por preencher a coluna do que é ser mulher e as meninas responsáveis para preencher o que é ser homem. Posteriormente, será passado o curta metragem, *Acorda, Raimundo, Acorda!*, que retrata uma inversão dos papéis destinados ao homem e à mulher, apresentando contrapontos. Nosso propósito é discutir o conceito

de gênero, o que é ser homem, o que é ser mulher, instigando à refletirem sobre os papéis sociais que são destinados a ele, como leva-los a perceberem que eles não são naturais, mas historicamente construídos.

No segundo momento, teremos uma roda de conversa, na qual abordaremos com os alunos o discurso predominante do papel destinado à mulher no período colonial, como o contexto social que estas estavam inseridas, para posteriormente refletir sobre as permanências, os estereótipos existentes na sociedade pós-moderna, tendo como subsídio, imagens e trechos extraídos do livro *Sexualidade e erotismo na História do Brasil*, escrito por Mary Del Priore, como do texto *Moralidades brasileiras: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista*, contido no livro, *História da vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*.

Em contrapartida, ressaltaremos a importância do feminismo para a desconstrução do machismo que impera na sociedade, sobretudo, pela busca dos direitos negados para esses sujeitos. A finalização do projeto se dará com a destruição simbólica das palavras contidas nas duas colunas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, como na formulação de novas frases, para podermos perceber se os estudantes compreenderam que a figura feminina foi construída e a disciplina de História, não está alheia aos mesmos, pois as raízes para essas questões foram forjadas ao longo do Período Colonial, permanecendo nuances em nossa sociedade.

### **Perspectivas da Educação**

Partindo da premissa de que o conhecimento é a mola de transformação social dentro de uma sociedade, optamos por buscar nas sutilezas dos fatos históricos, a História que não é contada para os estudantes do Ensino Médio, através da necessidade de trabalhar o papel da mulher no período colonial na referida escola, por outro lado pensamos a função da escola dentro de uma sociedade, pois qual é o papel da escola dentro dessa conjuntura? Como o conhecimento pode transformar a realidade social?

Sabemos que a escola não é diferente do mundo, pois inúmeras são as mazelas sociais que pairam na sociedade do século XXI, tais como o preconceito, injustiças e as desigualdades socioeconômicas, refletindo no âmbito escolar, a partir, desses antagonismos que formam a sociedade-escola, considerando os avanços após a LDB/96, onde por meio desta, podemos falar em democratização do ensino, na qual a escola

passou a exercer maior autonomia, não obstante sendo um aparato posto somente para reproduzir as ideologias pregadas pelo Estado.

No entanto, mesmo com os avanços na área da educação, é inegável o quão distante se encontra a aplicação das leis dentro do espaço escolar, sendo notável o retrocesso das políticas e ações sociais para esse fim, pois a condição da educação pública no Brasil em seu valor qualitativo é percebida pelos professores contemporâneos como uma grande falácia, onde a mesma é “maquiada” através de números que não trazem mudanças positivas para a sociedade, servindo, por outro lado para manter posições e privilégios.

Diante do mundo pragmático e uniformizado do século XXI, percebemos que a escola é um reflexo da sociedade e que a mesma participa na construção de valores sejam eles morais ou sociais. Partindo da perspectiva da consolidação de conceitos e práticas, pois ao trazer à baila essas reflexões, percebemos que a organização da instituição escolar, seja pela hierarquia, a divisão das disciplinas, torna o conhecimento como reduto, distanciando das complexidades da conjuntura a qual pertencemos, pois vivemos em uma crise de valores e conceitos, onde a mesma provoca ecos no âmbito social, político e econômico, sendo que, citando Edgar Morin “Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento” (2003, p. 15)

É dentro dessa perspectiva que iremos trabalhar sobre a construção do discurso com relação a mulher na sociedade colonial, abordando as lacunas deixadas na História, perceber a mulher no presente e buscar entender a mesma a partir da construção social. Ademais, buscaremos desconstruir o paradigma implantado sobre a sociedade patriarcal, sobre o conservadorismo implantado diante dessas adversidades, os quais colocam a mulher como ser inferior e sem direitos, pois na sociedade contemporânea prevalece, através do senso comum, a reprodução dos discursos feitos pela mídia, fazendo com que os estudantes não compreendam de forma crítica como isto se construiu. Para tanto, podemos pensar a diferença entre informação, conhecimento e sapiência dentro desse contexto, dialogando com Edgar Morin em seu livro Cabeça bem-feita:

T.S Eliot dizia: “Onde está o conhecimento que perdemos na informação?”. O conhecimento só é conhecimento enquanto

organização relacionado com as informações e inseridos dentro do contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas de saber. Em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados em informações. O especialista da disciplina mais restrita não chega sequer a tomar conhecimento das informações concernentes a sua área. Cada vez mais, a gigantesca proliferação de conhecimento escapa ao controle humano. Além disso, como já dissemos, os conhecimentos fragmentados só servem para uso técnicos. (...) daí o sentido da segunda frase de Eliot “Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?” (MORIN, 2003, P. 16)

Destarte, compreendemos as nuances sobre informação, conhecimento e sabedoria, onde uma complementa e dá sentido ao outro, sendo esses processos construtivos para se chegar à formação humana, baseado nos princípios da ética e da moral. Contudo, o que temos notado é a reprodução de informações sem consonâncias com o conhecimento, onde jovens acessam redes sociais, bem como a mídia, intensificando os discursos de cunho machista e ideológicos sobre a sociedade. Sendo assim, quando se compactua somente com a informação limitamos a área do conhecimento, que tem como perspectiva compreender todo o contexto construído a partir de uma análise histórica. Segundo Morin, “Conhecer o humano não é separá-lo do universo, mas situá-lo nele, todo conhecimento para ser pertinente deve contextualizar seu objeto” (2003, p. 37)

As grandes filosofias clássicas da antiguidade tinham como meta buscar o bem viver, ou seja, as questões éticas, predominando durante muito tempo no Ocidente o saber contemplativo, fundamentado em uma forma espiritual de saber e se comunicar com o mundo. Com as mudanças operadas na história do conhecimento a partir do século XVII, o saber torna-se instrumental, isto é, um instrumento que intervém na natureza mediante os interesses humanos. A ciência geralmente não tem o fundamento ético que a guie em sua ação, é um saber por saber, grosso modo, busca a mecanização do conhecimento.

De outro modo, acreditamos que a educação se realizará quando o conhecimento passar a refletir sobre a humanidade, quando todas as partes forem colocadas em evidência, quando os discursos tiverem coerência diante das mazelas que paira na sociedade, ou seja, é necessário que o conhecimento faça sentido para os educandos,



não obstante que o mesmo esteja desconexo com a realidade dos discentes. Edgar Morin, citando Durkheim, afirma que:

“O objetivo da educação não é o de transmitir conhecimento sempre mais numeroso ao aluno, mas o de "criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido não durante a infância, mas durante toda a vida. É, justamente, mostrar que ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos, mas também das transformações, em se próprio ser mental do conhecimento adquirido em sapiência.” (MORIN, 2003, p. 47)

Desse modo, compreendemos que a escola deve criar mecanismos que viabilizem a educação para uma formação de qualidade para os atores sociais, e isso se fará na medida em que a escola for pensando em uma nova conjuntura, isto é, em que ela esteja em primeiro plano na sociedade, realizando políticas públicas, formação continuada para os professores, educação sem segregação, ou seja, uma escola pública de qualidade para a formação plena dos cidadãos, baseada naquilo que tange a ética para a construção de uma sociedade democrática.

A partir das reflexões do Edgar Morin, compreendemos que a desconstrução dos atuais paradigmas da sociedade, que faz restringir e pôr limites sobre as mulheres, só será de fato desconstruídos a partir do conhecimento crítico.

### **Considerações finais**

A elaboração do projeto não se deu desconexo com a compreensão de que educar não deve ser “fechado em gavetas”, onde informação e conhecimento apresentem distinções, sendo que os discentes possuem respectivamente o primeiro, todavia, cabe ao professor esse papel de procurar meios os discentes refletirem sobre essas informações, desvendando o que há detrás desses discursos prontos, das construções que nos forjaram.

Por outro lado, lançar reflexões sobre as representações que permeiam discursos sobre as mulheres, é levar em conta a discussão de gênero, pois assim como o papel da mulher se construiu, houve também uma construção do gênero, pois não é apenas o

biológico que define o homem ou a mulher, mas nos tornamos homens e mulheres por meio dos processos culturais pelos quais passamos.

Enfim, discutir essas construções com os alunos é essencial para romper com a reprodução dos discursos, onde o homem exerce papel central e à mulher secundário, sendo justificado, não por ser natural, mas por um processo de relações de poder.

## **Referências bibliográficas**

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo – volume 2: A Experiência Vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

KARNAL, Leandro (Org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 2 ed. São Paulo. Contexto, 2004.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento** 1921. Tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PRIORE, Mary del. **Sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n° 2, p. 71-99, julho/dezembro 1995.

VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: SOUZA, Laura de Mello (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 221 – 275.